

Brasília, DF, 02 de fevereiro de 1994  
(Com umas poucas mudanças em março de 2005 e janeiro de 2007)

## EXPLICAÇÃO DA ORTOGRAFIA TERENA

**Bete (Elizabeth) Ekdahl e Nancy Butler**

**Sociedade Internacional de Lingüística**

Apresentamos aqui uma explicação da ortografia atual terena esclarecendo a base das decisões tomadas<sup>1</sup>. No ponto 3 da Portaria da FUNAI de nº75/N, de 06/07/1972 lemos: “A grafia das línguas indígenas, para textos de consumo dos grupos tribais deve ser a mais aproximada possível da grafia do português” e, no ponto 4: “Deve-se adotar como norma geral, na grafia das línguas indígenas, o princípio lógico de representação de um fonema por um único símbolo”. Como se vê no que se segue, nem sempre é possível seguir completamente os dois pontos determinados pela Portaria por estarem, às vezes, em conflito.

### **K ou C/Qu**

Conflito – de acordo com o ponto 3, seriam usadas as letras *c/qu* no alfabeto terena, mas segundo o ponto 4, a letra indicada seria o *k*. O som simbolizado por esta letra é a consoante mais freqüente. Quando começamos a estabelecer um alfabeto prático para a língua terena, decidimos usar a letra *k* por ser mais fácil alfabetizar quando se tem somente um símbolo por som. Note-se não haver aqui nenhuma influência do inglês. De fato, a letra *c* é muito mais usada para simbolizar este som em inglês do que a letra *k*. Também usa-se na grafia do inglês *ck* e *q* para este som. Como é do conhecimento geral, do ponto de vista científico, a grafia do inglês é péssima. Assim, de modo algum, desejaríamos atrapalhar a grafia do terena com algo “inglesado”.

Ao fazer as primeiras cartilhas, foi usada a letra *k* e funcionou a contento. Depois de alguns anos, porém, vimos que eram poucas as pessoas alfabetizadas primeiro em terena para depois aprenderem a ler em português. Por isso achamos por bem sondar a comunidade terena visando uma possível mudança para *c/qu*. Havia pessoas preferindo conservar a letra *k* enquanto outras queriam mudar para *c/qu*. Por fim, acabamos mudando a ortografia, e em 1976 publicamos uma série de cartilhas usando as letras *c/qu*. Assim continuamos por um bom período. Porém, por volta dos anos 1987 e 1988, havia membros da comunidade terena dizendo não gostarem das letras *c/qu* em terena e preferirem que sua língua fosse escrita com *k*.

Resolvemos então pedir à liderança do povo terena que tomasse uma decisão definitiva. Por serem da Aldeia de Água Branca alguns que estavam querendo esta mudança para *k*, pedimos ao então capitão, Davi Samuel, que convocasse a comunidade para reuniões a fim de se tratar dessa questão.

A primeira reunião realizou-se na escola de Água Branca, no dia 25 de fevereiro de 1989. As pessoas que tomaram parte foram o capitão com sete dos conselheiros e a nossa equipe de tradução consistindo em Ladislau Farias (de Água Branca), Dionísio Francisco (de Ipegue) e a linguista, Bete (Elizabeth) Ekdahl. Nancy Butler, a outra linguista, estava fora do país nesse tempo.

Explicamos as vantagens e desvantagens das duas maneiras de simbolizar o som em questão. Pessoalmente, eu, Bete Ekdahl, queria que permanecessem as letras *c/qu*. Ao mesmo tempo achava que o povo tinha a capacidade e o direito de escolher o que lhe parecia ser o melhor. A decisão tomada foi voltar-se para a letra *k* e convocar uma reunião da liderança das outras aldeias do P.I. Bananal e do P.I. Ipegue para o sábado seguinte. O capitão se incumbiu de avisar as outras comunidades.

---

<sup>1</sup> Mais informações a respeito da língua terena de Mato Grosso do Sul, Brasil, se encontram em: Ekdahl, Elizabeth Muriel e Nancy Eveyln Butler, 1979. Aprenda Terêna, Vol. 1. Brasília, DF: Summer Institute of Linguistics. Durante o decorrer dos anos a maneira de escrever terena tem sido modificado. Por isso a ortografia usada em 1979 difere do atual.

Agradecemos a consultoria de Alan Vogel na revisão deste trabalho.

No segundo encontro, estiveram presentes três líderes de Água Branca, o Vice-capitão de Imbirussu, três líderes de Bananal, e uma pessoa de Jaraguá, além da nossa equipe. Como uma outra reunião tinha sido marcada logo depois, as pessoas que vieram para esse evento foram convidadas a fazer parte da nossa reunião e Capitão Davi Samuel pediu que algumas expressassem a sua opinião. Havia pessoas apoiando as duas maneiras de soletrar, mas a decisão final foi pela letra *k*. O capitão ficou incumbido de mandar uma carta a todas as outras aldeias terena avisando da decisão tomada, dando um prazo de dois meses para comunicarem a ele seu apoio ou não ao que fora decidido na reunião. Não havendo uma manifestação da maioria contra o uso da letra *k*, ficaria decidido o uso dela no lugar do *c* e do *qu*. Ao final, o capitão me pediu para escrever a carta e ele ficou responsável por receber as respostas.

A carta foi escrita no dia 10 de março e mandamos umas vinte cópias para as aldeias, para a FUNAI de Campo Grande e para o vereador Lísio Lili, que é terena. Logo depois me ausentei da área, tendo compromisso em Brasília, só regressando depois do prazo marcado. Quase não houve comentários de outras aldeias. O parecer dos líderes se resumiu ao comentário de um deles manifestando apoio à decisão tomada em Água Branca. Um outro líder disse não se importar com a decisão tomada.

Assim, foi pela decisão do povo terena, ou pelo menos do grupo que se interessava pelo assunto, que a ortografia mudou para *k*. Respeitamos o desejo do povo e fizemos novas cartilhas usando *k*. Essas novas cartilhas ainda se baseavam nas cartilhas anteriores, as quais já haviam sido testadas no uso e que funcionaram bem. Seguem-se alguns exemplos de palavras em terena mostrando as duas maneiras de se soletrarem:

*câque* – *kâke*; *ítuqueque* – *ítukeke*; *coêcuti* – *koêkuti*

Sendo fato estabelecido que uma pessoa aprende a ler somente uma vez, segue-se ser muito melhor aprender a ler na língua materna, pois aprende-se mais rápido e melhor. Depois de ser alfabetizada, a pessoa pode fazer as adaptações necessárias para ler bem numa segunda língua. Há uma possibilidade de se começarem escolas bilíngües entre o povo terena e há elementos entre o povo querendo que o sistema bilíngüe comece logo. Se isso acontecer, será muito útil para as crianças terem seu primeiro contato com sua língua na forma escrita usando a letra *k* em vez de *c/qu*.

## **R e H – Explicação porque em terena não se pode usar somente r**

Como foi destacado acima, nem sempre é possível seguir as duas normas citadas na Portaria.

Em português há dois sons simbolizados pela letra *r*. Somente um deles ocorre no início das palavras, como por exemplo: *rato*, *riso*, *rádio*. Mas os dois sons ocorrem entre vogais, e por isso precisam ser escritos de maneiras diferentes para distingui-los: *rr* indica o som escrito com *r* no começo de palavras, como: *terra*, *serraria* e *r* indica o outro som, como: *terá*, *moranga*. Em alguns regionalismos do português falado no Brasil o *r* inicial e o *rr* parecem um pouco com aspiração.

Em terena não é aconselhável usar um símbolo só para estes dois sons porque não há ambiente definido para cada som, isto é, os dois sons ocorrem tanto inicialmente como também entre vogais. Usar *r* e *rr* para os dois sons como acontece em português poderia ser feito entre vogais e estaria de acordo com o ponto 3, mas seria em conflito com o ponto 4. Sendo que terena também tem os dois sons no início das palavras, se usasse *r* e *rr* no começo de palavras entraria em conflito com os pontos 3 e 4. Assim usa-se *h* para o som com aspiração como: *há'a*, *ahá'axo*, *arâha*. Este símbolo é usado em muitas línguas do mundo para este som. E usa-se *r* para o outro som, como: *râ'a*, *arúxukoa*, *áhara*.

## **A letra Y**

Em terena a letra *y* (ípsilon) é consoante e *i* é vogal. É importante reconhecer esta diferença. Nota-se bem as palavras como *iyéno* que na segunda pessoa é *iyino* e *yûho* que na segunda pessoa é *yiûho*. Se alguém tentasse escrever estas palavras sem usar o *y* no lugar certo como consoante, seriam escritas de uma maneira que daria muita confusão: *iiéno*; *iiino*; *iûho*; *iiûho*. O uso do *i* como vogal e do *y* como consoante corresponde muito melhor ao padrão silábico do terena que é totalmente simples e sem complexidade. No que se segue, C indica Consoante e V indica Vogal. Os padrões silábicos que existem são V – CV – VV – CVV.

## A letra S

Em terena o som de s sempre se escreve com s, nunca com ss ou c como em português, como: *sêno, sîmo, su'ûso, isôti*. Por muitos anos escrevemos o som entre vogais com ss somente para se adequar ao português, embora não havendo razão em terena e sendo contrário ao ponto 4 da portaria da FUNAI que determina um só símbolo por som. Em maio de 1991 começamos a escrever somente com s pelas seguintes razões: O Prof. Márcio Mariano do Departamento de Educação do Estado que era responsável pela educação indígena nesse tempo, nos disse que havia uma comissão procurando fazer uma ortografia que servisse para o Brasil, como também para Portugal, Angola e Moçambique. Ele nos disse ter quase certeza de que ss no meio de vogais seria substituído por s, e que o que agora se escreve com s entre vogais seria substituído por z dentro de poucos anos. Embora estas mudanças ainda não tenham acontecido no português, achamos por bem tirar o ss por não haver qualquer razão em terena para se escrever o som de s com duas grafias. A consoante sonora em terena vem acompanhada sempre por nasalização, isto é, *nz*, como: *nzu'úsona, nzîmo*.

## As seqüências MB, ND, NG, NJ e NZ

Nestas combinações de consoantes, as letras *m* e *n* indicam pré-nasalização. Poderiam ser escritas ou não, porque não há contraste com o *b, d, g, j*, e *z* sendo que estes sons ocorrem unicamente com nasalização<sup>2</sup>. Por muitos anos procuramos saber a preferência do povo. Preferiria escrever *mb* ou simplesmente *b*, e assim por diante? No meio de palavras as pessoas que escrevem em terena colocam as duas letras, mas muitas vezes não colocam *m* ou *n* como pré-nasalização no começo das palavras, provavelmente porque o português não as tem. A opinião que prevaleceu foi a de que deveriam ser escritas de maneira diferente do português, por ser a pronúncia diferente. Por isso usamos combinações, como: *ombósiko, ndâki, ngónokoa, nje'éxa* e *ônze*.

## A letra X

O português tem duas grafias para este som: *ch* e *x*. Com o desejo de usar um único símbolo, e para evitar conflito com *c* e *h*, escolhemos *x* que é somente usado para este som em terena, como: *xi'íxa, xúpu, poréxo*. Não há diferentes valores como em português nas palavras: *excepcional, exausto, taxa, táxi*, etc.

## As letras G e J

A letra *g* em terena sempre simboliza o som como da letra *g* em *ga*: *ngahá'a, ngêno, ngîri, ongónokoa* e *ngúxo*. Não é como no português que precisa de *u* antes de *e* e *i* para conservar este som. Assim não se precisa incluir *u* quando é *nge* e *ngi*, pois tem pronúncia única, sempre uniforme, em todos os seus ambientes.

A letra *j* sempre tem som como na seqüência *ja* e *ji*, como: *ânja, nje'éxa, njîxo, onjoâti* e *ônju*. Assim também o *j* tem uma única pronúncia em todos os seus ambientes.

---

<sup>2</sup>A nasalização é um traço supra-segmental, isso é, uma propriedade de palavras, que tem significado gramatical; o significado é indicar a primeira pessoa do singular. Assim, a palavra *pîho* significa 'ele foi', enquanto *mbîho* significa 'eu fui'. As consoantes nasalizadas *mb, nd, ng, nz, e nj* correspondem às não nasalizadas *p, t, k, s, e x*, respectivamente. Além disso, *nz* e *nj* correspondem à não nasalizada consoante *h* que representa os dois fonemas *h* e *h<sup>y</sup>*. Existe também contraste entre vogais (e semi-vogais) orais e nasalizadas, mas não é necessário distinguir estas letras nasalizadas na ortografia, porque são as que precedem as consoantes nasalizadas.

## As vogais

**A, E, I, O e U.** As vogais **e** e **o** em português representam tanto as vogais abertas como também as fechadas. Em terena cada uma destas letras representa um fonema só. Mas às vezes há um pouco de variação entre falantes em certas palavras, alguns fazendo essas vogais mais fechadas ou mais abertas do que outros.

Em português, em algumas regiões, a letra de **e** no fim da palavra é pronunciada como **i**, como em *pote*, e a letra **o** é pronunciada como **u**, como mesmo. Este não é o caso em terena. A escrita e a pronúncia são sempre iguais. Se a pronúncia é **i**, escreve-se **i**, e não **e**, como *pihôtî*. Igualmente se a pronúncia é **u**, é sempre escrito com **u**, como *ihaku*. A letra **o** é somente usada para o som de **o** como *ainovo*, e a letra **e** é somente usada para o som de **e**, como *vo'ókuke*.

## As demais letras

**L**, como: *ulalápu'iti*, *lûlu*. Pronuncia-se com a parte da língua mais central na posição alveopalatal. Não é igual à pronúncia em português.

**M**. Além do uso como letra simbolizando o nasal bilabial como: *mokéxa*, *mûyo*, usa-se no fim da palavra para simbolizar a nasalização de todas as vogais como também as consoantes *v* e *y*, como: *méum*, *îmam*, *ôvom*, *îyom*. Com a mesma função precede *b* para indicar pré-nasalização, como: *ombósikoa*, *mbâho*.

**N**, como: *nókone*, *ínikone*. Há pouquíssimas palavras que usam uma outra variação de *n*, (isto é, alveopalatal), como: *ainovo*, *honoró'iti*. Esta não se distingue na grafia por ser conhecida a sua pronúncia, e por serem tão raras as palavras em que ocorre. Não tem havido problemas quanto a isso. (Um paralelo em português seria a questão de *u* em vez de *ü* em palavras como: *lingüístico*, *frequente*, pois sabe-se que com ou sem trema, um falante nativo pronunciaria certo, sem problema.) Também a letra *n* serve para pré-nasalização de *d*, *g*, *j*, e *z*, como: *ndûti*, *óvongu*, *njanéna*, *inzóneu*.

**P** (como em português, mas levemente aspirado), como *pahapéti*, *porexópati*.

**T** (como em português, mas levemente aspirado), como: *tâki*, *kótuti*.

**V**, como: *vitête*, *óvoku*, *vunéna*.

' (oclusiva glotal), como: *kitá'iti*, *vô'u*, *xâ'a*. Nota-se: De preferência a glotal é uma linha reta ('), não curvada como o apóstrofo (').

## Acentos – Agudo e Circunflexo

A função dos acentos em terena é muito diferente do uso em português, e não tem nada a ver com vogais fechadas ou abertas. Tem, no entanto, função gramatical muito importante na língua terena.

O acento agudo significa que a sílaba é tônica e que a **consoante** seguinte é alongada e tem tom anivelado, como: *úte*, *tôhe*, *îti*.

O acento circunflexo significa sílaba tônica também, mas é a **vogal** que é prolongada e pronuncia-se com tom decrescente, como: *âti*, *tôhe*, *îti*, *ene pihô*.

Quando a vogal no fim da palavra se alonga, mas sem tom decrescente, a vogal é repetida na grafia para significar este alongamento sem tom decrescente, como; *itupa'ii íxea*, *pihohii koêti*.

**Lugar do Acento.** Quando há duas vogais diferentes lado a lado, e uma delas é acentuada, algumas pessoas têm escrito o acento na primeira e outras na segunda, mas a pronúncia é a mesma, pois é um ditongo. Junto com membros da comunidade foi tomada a decisão de fazer uma regra no sentido de que o acento seria escrito na segunda vogal, como: *tiú'iti*, *eúko*, *koâti*, *koêkuti*. A exceção a esta regra é quando as duas vogais caem no final da palavra. Nesse caso é a primeira vogal que recebe o acento escrito, como: *nâum*, *hixôe*. Note: *porexôa* contrastando com *porexôati*.

## Outros Pontos Relacionados

**O acento juntamente com a glotal** – No fim de palavras, em certas situações, o acento agudo e a glotal ocorrem juntos, mas somente escrevemos o acento. Um destes casos é quando a palavra é usada como vocativo, isto é, para chamar uma pessoa: *Mariyá'* é escrita *Mariyá*. Ocorre também na maioria das Frases Auxiliares<sup>3</sup>: *apé' kôe* 'de repente apareceu' é escrita *apé kôe*; *tetú' kôe* é escrita *tetú kôe*. Este sistema funciona bem.

**A letra h** - Esta letra representa dois sons, um com e outro sem palatalização. Antigamente, se distinguíam os dois tipos na ortografia, mas os jovens tiveram dificuldades em saberem qual letra escrever, pois muitos deles não fazem distinção entre elas agora. A palatalização do *h* está caindo cada vez mais em desuso. Quase não há palavras distinguidas somente pelo tipo de *h*, e assim dispensamos a diferença vários anos atrás. Não tem havido problema.

**Doas vogais idênticas** - Na fala, estas vogais parecem como uma única vogal longa. A não ser no tipo de palavras mencionadas anteriormente, somente se escreve uma única vogal, como: *mbihópotiko* em vez de *mbihópotiiko*; *poréxovea* em vez de *poréxoovea*, pois, pela gramática, o sufixo já alerta ao fato de haver alongamento. É lida corretamente com uma única vogal na grafia. Antigamente quando testamos uma outra grafia usando duas vogais, o povo ficava confuso, pois queria pronunciar cada letra separadamente. Também quando as pessoas escreviam, usavam somente uma vogal. Por isso, escrevemos somente uma vogal, e o povo lê da maneira certa.

**O sufixo -iyea/iyeo** - Quando este sufixo vem logo depois de outra vogal, a letra *i* do sufixo cai por causa da letra *y*, pois o povo acha desnecessário escrevê-la, como: *kahá'ayea* e não *kahá'aiyeyea*; *koyúhoyea* e não *koyúhoiyeyea*. Quando não é vogal logo antes do sufixo, aí é preciso escrever a letra *i*, como em: *koyuhó'iyeyati*.

**Uso de hífen** - Quando um sufixo terena ocorre com uma palavra portuguesa num texto em terena, um hífen separa o sufixo, como: *Miranda-ke*.

## Outras Observações

Tivemos oportunidade de dar uma palestra esclarecendo a ortografia terena no Encontro Interinstitucional para o Programa de Educação Indígena – Terena realizado no Centro de Educação Rural de Aquidauana (CERA) de 12 a 14 de julho de 1991. O Presidente da Comissão Organizadora foi o Sr. Domingos Veríssimo Marcos. Naquele encontro ninguém discordou das decisões já tomadas.

Nota: Já foi preparado um livro para ajudar o povo terena que fala a sua língua e já sabe ler em português sobre como ler e escrever fluentemente na sua própria língua, *Víhikaxovepe yúhoikopea úti vemó'u*. Inclui exercícios como também histórias na língua. Também há cartilhas para alfabetizar falantes de terena. Todos esses livros foram elaborados pelas lingüístas em conjunto com membros da comunidade terena, especialmente na parte das histórias. Esses livros e mais um livro de histórias foram encaminhados à FUNAI, Administração Regional de Campo Grande para sua apreciação.

Nossa esperança é que o povo terena possa ter uma grafia que ajude a unir o povo ao invés de dividi-lo e que seja útil a todos os membros da comunidade terena na comunicação entre si, e também na aquisição de outros conhecimentos.

---

<sup>3</sup> Informações a respeito das Frases Auxiliares se encontram em *Aprenda Terena Vol. 2* por Ekdahl e Butler, 1979, que se encontra nos arquivos da Sociedade Internacional de Linguística, Lições 44-56. Podem ser adquiridas por xerox.